

## **Bichas, o Documentário: Empoderamento e Desconstrução.<sup>1</sup>**

Marlon Santos PARENTE<sup>2</sup>  
Rodrigo Duguay da Hora PIMENTA<sup>3</sup>  
Faculdade Boa Viagem (FBV), Recife, PE

### **RESUMO**

Desenvolvido como projeto de extensão do curso de Publicidade e Propaganda e concebido sob a perspectiva de seis jovens homossexuais que enfrentaram os paradigmas de exclusão em uma sociedade machista e preconceituosa, *Bichas, o documentário*, dirigido e finalizado pelo aluno Marlon Parente nos laboratórios da faculdade, propõe uma apropriação da palavra “bicha”, enquanto insulto, para ressignificá-la de forma positiva, como ferramenta de identidade e até mesmo uma forma de empoderamento da comunidade LGBTT. Com quase meio milhão de visualizações<sup>4</sup>, o filme germinou como uma resposta à agressão, abuso e discriminação, documentando uma realidade e reverberando como um caminho de aceitação de uma orientação sexual não-hegemônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** empoderamento; homossexualidade; documentário;

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/ docudrama (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: marlonsparente@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Curso de Publicidade e Propaganda, email: rodrigoduguay@gmail.com

<sup>4</sup>Dados do vídeo hospedado no canal do Youtube, acessado em 30/05/2016 <<https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Cecarelli (2000) o imaginário judaico-cristão, que seria dominante em nossa cultura, “cristalizou e isolou as expressões da sexualidade, como se tais manifestações possuíssem realidades concretas”. Neste contexto criou-se o paradigma da existência de uma “sexualidade natural” no ser humano, isolando as demais expressões da sexualidade. A partir desta ideia, foram criadas no ideário ocidental as mais diversas nomenclaturas com o intuito de descrever, classificar e etiquetar as práticas sexuais. A partir daí, ainda segundo o autor, que toda forma de sexualidade que não se encaixe nas práticas consideradas normativas é tida como desviante o que contraria as observações mais amplas da psicanálise e do comportamento, quando se exclui o filtro cultural que conduz estas análises, já que segundo o autor “a hegemonia discursiva dominante determina a forma correta da sexualidade e inibe toda expressão da pulsão sexual que escape à norma socialmente construída” (Cecarelli, 2000).

É importante definir as relações de sexo, gênero e orientação sexual que, com frequência, são erroneamente usados como sinônimos. Segundo STOLLER (1968), quando conceituamos sexo, refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, as características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. De forma simplificada, ao definir gênero, podemos dizer que este refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

Já o conceito de orientação sexual refere-se a respeito à atração que se sente por outros indivíduos (ARAGUAIA, 2012). Ela geralmente também envolve questões sentimentais, e não somente sexuais. Assim, se a pessoa gosta de indivíduos do sexo oposto, falamos que ela é heterossexual (ou heteroafetiva). Se a atração é por aqueles do

mesmo sexo, sua orientação é homossexual (ou homoafetiva). Há também aqueles que se interessam por ambos: os bissexuais (ou biafetivos). Pessoas do gênero masculino com orientação homossexual geralmente são chamados de gays; e as do gênero feminino, lésbicas.

Os papéis sociais envolvem comportamentos, pensamentos e sentimentos que determinam a consciência coletiva dentro de um cenário social (COSTA, 1987, p.54). Esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor-de-rosa para as meninas e azul para os meninos. Essa construção binária “masculino/feminino” coloca evidentemente o primeiro elemento em superioridade, propagando a noção simplista de “homem dominante *versus* mulher dominada”. O chamado “sexo frágil” é sempre atribuído ao feminino e nunca ao masculino.

Quando falamos relações de Gênero, estamos falando de poder. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal (COSTA, 2008)

Tal atividade de representação é responsável pela construção da desigualdade de ideais sociais, valores, estereótipos e preconceitos.

Aqueles que não se enquadram a esta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999) e tem a existência e materialidade de seus corpos ameaçados socialmente, suas vidas são frágeis e precárias, pois são considerados menos humanos, desvios de uma humanidade pretensamente saudável e perfeita. O homem com trejeitos de mulher é escanteado e rotulado como “maricas”, “menininha”, “baitola” e é nesse vocabulário ofensivo encontramos a palavra “bicha”.

## **2 OBJETIVO**

2.1 **Objetivo Geral** - Produzir um documentário com tempo definido entre 20 (vinte) a 40 (quarenta) minutos, sobre tal questão, tomando como base o roteiro desenvolvido para a disciplina de Roteiro Audiovisual do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Boa Viagem, para conscientizar a população, de uma maneira geral, sobre o preconceito e as práticas homofóbicas e empoderar aqueles que sofrem tais agressões diariamente. Desta forma o objetivo central era desenvolver uma ferramenta capaz de ser apresentado como recurso audiovisual em exposições para os alunos e também mostrar públicas, fomentando o debate sobre o assunto, bem como a criação de canais de divulgação digital sobre este conteúdo.

### 2.2 Objetivos específicos -

Em uma primeira instância, mostrar, através de relatos reais, situações onde o comportamento de crianças e rapazes são censurados apenas por desviarem de uma conduta considerada ideal pelo padrão social heteronormativo. Num segundo momento, ter uma ferramenta capaz de ser um testemunho narrativo da importância de assumir esta identidade e legitimá-la como “Bichas” a partir dos relatos vivenciais, desconstruindo a imagem negativa da palavra. Numa dimensão final, propor uma ressignificação do termo e associá-lo com uma identidade pessoal e positiva, seja por parte da sociedade e da própria família, seja por parte dos próprios protagonistas.

## **3 JUSTIFICATIVA**

No Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil de 2014, realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), é relatada a documentação de 326 mortes de gays, travestis e lésbicas, incluindo 9 suicídios. Estatisticamente estamos falando de um

assassinato de pessoa LGBT a cada 27 horas. Um aumento de 4,1 % em relação ao ano anterior.

A realidade deve ultrapassar em muito tais estimativas, sobretudo nos últimos anos, quando policiais e delegados cada vez mais, sem provas e sem base teórica, descartam preconceituosamente a homofobia como *causa mortis*.

Para BORILLO (2000),

Homofobia é do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o anti-semitismo, uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como o contrário, inferior ou anormal, referindo-se a um prejulgamento e ignorância que consistem em acreditar na supremacia da heterossexualidade. Trata-se, sobretudo, em um ato de homofobia, da desumanização do outro, através de palavras, gestos e condutas.

Nossa sociedade é heterossexista (FOUCAULT,1984), ou seja, pressupõe a heterossexualidade como algo supostamente natural ao mesmo tempo em que a impõe compulsoriamente por meios educativos, culturais e institucionais. Ainda permanece um desafio encarar que vivemos em uma ordem heteronormativa, na qual mesmo homossexuais são induzidos a adotar a heterossexualidade como modelo para suas vidas transferindo a linha da abjeção para quem rompe com as convenções de gênero, por exemplo. Não por acaso, travestis, transexuais e gays femininos tendem a sofrer mais violência do que homossexuais que seguem uma estética de gênero dominante, ou seja, gays masculinos e lésbicas femininas.

Para Balieiro (2015) na verdade, o atual padrão de feminino e masculino já foge de uma lógica patriarcal tradicional. Com a consolidação da presença feminina, inclusive, nos ambientes acadêmicos a partir da década de 1970, os papéis sociais esperados de cada um dos gêneros tem sofridos transformações e exigiram das mulheres uma reafirmação do seu poder. Portanto o que seria masculino e feminino tornou-se radicalmente questionado e aberto a contestação. Num contexto onde o feminino é subvalorizado, o homossexual que tivesse características do feminino antes era tido

como fraco, ruim ou indesejável, mesmo na comunidade gay. O passivo como representação do feminino, a “bicha” como elemento do homem com elementos da fêmea era uma desvirtuação do ideal. A partir desse empoderamento da mulher, abre-se caminho, também, para uma releitura de empoderamento também do homossexual em suas mais diversas vertentes identitárias, onde os valores femininos passam a ter também seu valor e poder e devem ser reafirmados como tal.

Diante do exposto e da atual crise de representatividade no audiovisual – em sua grande maioria, pessoas LGBT são retratadas em filmes e séries de maneira deturpada e superficial, com personalidades heteronormativas e/ou cômicas - o documentário BICHAS destaca-se por possuir uma narrativa dinâmica, jovem, atualizada e, acima de tudo, por retratar vivências reais de quem sofreu e sofre agressões pelo fato de serem homossexuais, tornando-se assim, catalizador e disseminador de debates e questionamentos. A razão de ser de sua narrativa é constituir-se num produto audiovisual capaz de corporificar uma das vozes de representação desta comunidade, na esperança de que a população e potenciais agressores aprendam a respeitar as diferenças, através dos relatos contidos no filme, e assim diminuir o número não só de homicídios apresentados acima, mas também, erradicar todo e qualquer comportamento agressivo e fóbico contra qualquer tipo de pessoa LGBT.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O filme possui estética simples e de palavras fortes. A partir do relato de 6 jovens rapazes homossexuais (Bruno, Igor, Italo, João Pedro, Orlando e Peu), o desenrolar da narrativa segue uma linha cronológica, começando com a temática de aceitação e saída do armário, passando por complicações, alegrias e surpresas provenientes deste “episódio” e acabando na fase do empoderamento e auto-aceitação.

Produzido, gravado e editado em 100 dias, a câmera utilizada (emprestada ao diretor) foi uma Canon 5D Mark II e gravado em Full HD 1080p. Todas as gravações aconteciam entre 10h e 15h, pois a única fonte de luz usada na locação era a luz natural advinda da janela. O áudio captado vinha de um humilde microfone de lapela que custou 10 reais.

Para que a produção pudesse contemplar toda a essência das entrevistas a categoria escolhida foi a de web-documentário, que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade. “O webdocumentário está para a narrativa não ficcional assim como a web 2.0 está para os portais tradicionais. Trata-se de uma nova forma de contar histórias, um novo jeito de interagir, um novo espaço para pensar a produção de informação on-line” (HAMP, 2010).

É fundamental ressaltar a importância do documentário na construção e divulgação do conhecimento, além da possibilidade de desenvolvimento de uma participação ativa de uma determinada comunidade a partir da utilização do gênero, como no caso, no gênero cinematográfico documental.

O filme possui apenas dois enquadramentos: plano médio e primeiríssimo plano. A ideia é aproximar o entrevistado ao telespectador e assim garantir que toda expressão seja transmitida sem interferências visuais ou outros ruídos. "Costuma-se dizer que o mais belo plano de televisão é a face de um homem falando das coisas em que acredita" (MACHADO, Arlindo, 2005. p.49). Como recurso de construção o uso de planos próximos também insere o espectador na narrativa, o que aumenta a empatia e não permite o distanciamento do espectador ante a temática que está sendo abordada. Como o objetivo é ser um ponto de partida para a reflexão e a discussão, esta abordagem se mostra não apenas esteticamente pertinente, como fundamental para a construção do curta metragem.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Bichas, o Documentário é um produto audiovisual que possui 38 minutos de duração, com distribuição livre, que fala sobre homossexualidade de uma maneira objetiva e representativa (diferente das novelas e filmes) e é, acima de tudo, resultado de muito esforço e força de vontade.

A narrativa do filme fica responsável pela fala de seis jovens rapazes, cada qual com sua vivência: tem a bicha negra, gorda, a que tem mães lésbicas, a afeminada, a que vivia na igreja e a bicha que morava no interior. O formato foi definido pela direção para facilitar o trabalho de edição, ampliar a identidade entre o público da comunidade e para despertar a empatia dos grupos sociais que lidam com o estereótipo da “ bicha” como algo negativo. Sendo assim, todos os participantes contribuem com seus discursos defendendo a necessidade de sair do armário e na conversão do termo “bicha” em ferramenta de luta e empoderamento contra homofobia.

Criar um cenário capaz de deixar todos os entrevistados a vontade o suficiente foi uma das tarefas mais importantes de todo o projeto. A costura da edição com o tom da narrativa, garante a solidez das falas e na entrega da mensagem final: ser bicha não é errado, errado é não respeitar as diferenças, sejam elas quais forem.

A atual distribuição do filme é livre para que qualquer pessoa possa assisti-lo sem ônus pois o mesmo encontra-se no Youtube. A escolha da internet como hospedagem do filme é justificada, primeiro pelo teor do assunto e segundo pelo desejo de alcance do maior número de pessoas possível: quanto mais as pessoas ouvirem a falar sobre “bichas”, menor o estigma.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Em apenas 3 meses desde o seu lançamento (20 de Fevereiro), o filme já é tido como referência na temática militante LGBT no Brasil. Exibido em festivais de cinema, salas de aula, encontros de coletivos e vencedor do 16ª Edição do Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade<sup>5</sup>, na categoria Documentário, não esquecendo também da sua participação em debates exibidos na TV aberta<sup>6</sup> e programas de rádio, estampado na capa do Caderno C (Jornal do Comercio) e tema de matéria dos principais canais de notícia (Uol, Terra, G1, O Globo), além de outros, o produto é um resultado da popularidade resultante de uma identificação e do reflexo na necessidade em se falar sobre homossexualidade. Bichas o documentário encontra-se atualmente legendado em português, inglês, e em breve: espanhol e francês, e também conta com uma versão especial traduzida em LIBRAS.

O trabalho também serviu como extensão das atividades do curso de publicidade em produção audiovisual, tendo não apenas a preocupação social de questionar comportamentos homofóbicos, mas sobretudo ressaltar a distância entre o roteiro e o produto final audiovisual. Não apenas a edição mostrou-se um desafio, como a importância da Direção para dar unidade ao produto audiovisual foi ressaltada durante o desenvolvimento do documentário, que imprime uma narrativa coesa a depoimentos que, de outra forma, seriam apenas um apanhado particular de experiências pessoais.

Por fim, acredita-se que a visibilidade provocada pelo documentário, afeta a vida de milhares de LGBT's que, diariamente, são vítimas de violência e discriminação por sua identidade de gênero ou orientação sexual. E assim, espera-se que este venha a contribuir significativamente para a formação cidadã mais justa, igualitária, responsável e comprometida com o ativismo social, servindo também de inspiração para que outros

---

<sup>5</sup> Dado pela APOGLBT – Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo.

<sup>6</sup> Programa Conexão Futura. Canal Futura. Exibido em 24 de Maio. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L52u8deE7VQ>

grupos utilizem o formato para expressar e/ou ressignificar outros termos e condutas que tanto afeta e machuca a comunidade LGBT de modo geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGUAIA, Mariana. "**Orientação Sexual**"; **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/orientacao-sexual.htm>>. Acesso em 31 de maio de 2016.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **O Queer e o conceito de Gênero**. O Quereres. Revista do Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade do Departamento de Sociologia - UFSCar. Disponível em <<http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>>. Acesso em 30/05/2016.

BORRILLO, Daniel. **L'homophobie**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: Louro, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Sexualidade e preconceito**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo. III(3): 18-37, set/2000.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: < [http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf)>. Acessado em: 01/02/2010.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à Ciência da Sociedade**. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984. cap. 16, p. 243-76: sobre a história da sexualidade.

HAMP, Barry. **Escrevendo um documentário**. Tradução livre e resumida dos principais tópicos do capítulo 10 de: MAKING DOCUMENTARY FILMS AND REALITY VIDEOS por Roberto Braga. São Paulo, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

STOLLER, Robert. **Sex and gender**. (v. 2). Nova York: Sience House, 1968.